



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**
Redacção e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
End. tel. egr. Lisboa—Lisboa—Telefone: 1
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANTE O CADAVER DE UM INIMIGO

Por volta de uma hora da madrugada de ontem entrou na agonia o sr. António Maria Baptista, coronel de infantaria e presidente do ministério desde o dia oito de Março próximo passado.

A sua vida periculosa ainda durante algum tempo; até que, um momento depois das seis da manhã, quando já a iminência do bol aclarava o céu, deu o suspiro último e quedou-se morto. Fez-nos muito mal o extinto chefe do governo. Dizemo-lo sem ódio, serenamente, agora que já não tomamos ante nós mais que um cadáver arrefecido. Mas fez-nos muito mal. Perseguiu-nos, manietou-nos, infligiu-nos o atroz suplício da mordida que nem por poupar o corpo é menos torturante. Despojou-nos das nossas mais caras e legítimas regalias; ordenou o encarceramento de sindicatos; mandou encarcerar trabalhadores sem culpa; submeteu a imprensa operária a um regime de aflição asfixia, e o seu consulado de três caros meses representou para nós um período inquisitorial de tirania e arbitrio.

Lembramos, sem ódio, todas estas circunstâncias; lembramos-las porque a hipocrisia não repugna e porque não tivemos ainda tempo de esquecê-las. O coronel Baptista dedicava-se encarnadamente à sua obra de contínua perseguição quando a morte inesperada o veio surpreender; e esta mesma pena com que aqui registamos a queda trágica dum adversário feroz, esta mesma pena a tínhamos preparada para nossa defesa, e muitos outros seriam os períodos que ela tragaría se se a intromissão da morte não houvesse tornado inútil essa tarefa. Por isso, se o desaparecimento de um inimigo fez cessar simultaneamente a aversão que ele inspirava, nem por isso a nossa dignidade deixou de ressentir-se de afrontas recebidas bem recentemente.

Apesar de tudo, a morte do coronel Baptista não nos regosija, embora também não nos entristeça. Alivia-nos a alma, simplesmente: dá-nos a esperança de que uma época nova se inicie, de maior liberdade e maior respeito pelos direitos incontestáveis da plebe, não obstante já certos indícios dissolvam essa esperança em dúvidas—hela!—demasiadamente justifi-

A vida de "A Batalha"

Conforme anunciamos, *A Batalha* começou ontem a ser vendida a 5 centavos, estando nós habilitados a dar aos nossos amigos a boa notícia de que a expansão deste jornal excedeu todavia a expectativa, tendo sido exgotada a edição, motivo porque temos que fazer nova tiragem, uma vez que não ficamos com um único exemplar para as nossas colecções.

Os camaradas empregados no comércio, que lançaram a ideia do aumento para cinco centavos do número avulso de *A Batalha*, devem estar satisfeitos com a boa vontade com que a sua iniciativa foi acolhida.

Poucas vezes, uma proposição desta ordem, foi tão rápida e simpaticamente secundada. Isto demonstra as profundas razões que *A Batalha* já adquiriu na alma do proletariado consciente e rebelde, que está sempre disposto aos maiores sacrifícios para que o seu querido jornal viva e prospere.

Inserimos a seguir mais algumas cartas apoiando o aumento, que ontem começou a vigorar.

LISBOA, 4-6-920.—*Camarada redactor*.—Vou dar o meu voto pelo aumento do nosso jornal, porque é ele que nos defende. Damos 5 centavos pela nossa querida *Batalha*, pois é do esforço de todos nós trabalhadores que ela poderá viver, para continuar defendendo o nosso pão e a nossa liberdade.

VIVA *A Batalha*—Abel da Silva Melo, operário manipulador de pão.

BARCELONA, 4 de Junho de 1920.—*Camarada Vieira*.—Nós, trabalhadores conscientes, somos também de opinião que *A Batalha*, passa para cinco centavos, visto não se poder manter de outra maneira. Esperamos que todos os nossos amigos que aqui temos os seus exemplos, isto é, a continuação a comprar e auxiliar.

Junto enviamos cinco escudos do cofre da Juventude Sindicalista oferecidos pelos jovens desta localidade—Sindicatos Tractariais.—Os jovens sindicalistas de Barcelona.

LISBOA, 4-6-920.—*Camarada redactor*.—As comissões administrativas de estudo, estatística e propaganda do Núcleo Juvenil de Sindicalista do 1.º Bairro, ao reunir em conjunto para assinatura do termo de posse, a proposta de aumento do preço do nosso órgão, *A Batalha*, passa para 50, visto as enormes dificuldades com que está lutando, motivado pelo custo do papel e pela falta de subsídios de que dispõe o grupo de Revolução Social. O secretário administrativo, António Borges.

BARCELONA, 31-5-920.—*Camarada redactor*.—O grupo de jovens sindicalistas, que abaixo se assina, concorda em absoluto com a local inserida neste jornal sob o epígrafe de "A Batalha", e dispõe-se, como os outros camaradas, a concorrer com 50 para que o nosso jornal não desampere, como o vosso jornal desampara o nosso povo. Vós, camaradas, não desampareis a Revolução Social.—Alberto de Azevedo, Joaquim L. Carralho, José Joaquim Palma, Manuel José Hartley, José Alexandre da Silva, João Rodrigues Dias, Alfredo Correa, António José Alcaide, João Vicente, Emílio N. Silva, José João Rodrigues, José Prata, Gregório Matoso, Manuel António Ramos.

PORTO, 4-6-920.—*Camarada redactor*.—Tendo seguido de perto as dificuldades com que vosso jornal se encontra, e as dificuldades estas que todo o operário consciente tem por dever combater, venho por meio desta, trazer-lhe o meu incondicional apoio à proposta dos camaradas empregados no comércio, para o aumento do preço do jornal.

Terminei saudando-o e fazendo votos pelas suas propriedades de nobreza e de *Batalha*. Vosso camarada, Manuel Pereira.

CHAVES, 4-6-920.—*Camarada Alexandre Vieira*.—Estou plenamente de acordo com a proposta do jornal quanto ao aumento da vida da nossa *Batalha* tendo em mim um auxilio modesto, e vós, mais, com os meus cumprimentos de lial camaradagem, desejo-lhe auge e Revolução Social.—Joaquim José Delgado.

CONFRONTANDO
* JURADOS E JUIZES *

À margem da justiça...

Quasi ao mesmo tempo deram-se agora dois julgamentos interessantes que merecem um momento de atenção e que se prestam a alguns confrontos e conclusões nada para desprezar. Refiro-me, está bem de ver, ao julgamento dos rurais de Évora, que se iniciou em 21 do passado mês de Maio e terminou na madrugada do dia 30 do mesmo mês, e aquele outro que principiou, no Porto, no dia 31 do Maio e terminou no dia 1 do corrente—o julgamento dos mineiros de S. Pedro da Cova.

Ambos estes processos eram de quebra, sujeitos a júri; ambos se baseavam em uma falsa acusação tristemente architectada. Em ambos havia acusação particular representando lavradores e proprietários reaccionários desejosos de ferir a organização operária. E, se é certo que no caso de S. Pedro da Cova apenas se procurou atingir e esmagar três homens, se é certo que a ferocidade requinta no caso de Évora porque é mais sinistro e miserável o plano e porque muitos mais homens e muitas mais famílias procura torturar, não deixa de haver também a sua semelhança no fundo da acusação: *Os de Évora haviam constituído uma terrível associação de malfetores para praticar furtos de importância; os de S. Pedro da Cova haviam promovido, juntamente com outros indivíduos de ambos os sexos, vários assaltos invadindo as casas de vários lavradores e haviam ainda instigado os mineiros em greve a cortar o cabo aereo da companhia mineira de S. Pedro da Cova.*

Pois bem! Correram os dois julgamentos os seus necessários trâmites, revestido por vezes aspecto bem semelhante—guardadas as devidas proporções—não só na parte intrínseca dos processos como até no aparato bôlico fornecido pela guarda republicana que pejava os tribunais.

Guardadas também as devidas distâncias sobre a ferocidade criminal da acnsação, que assumiu

A arte e os artistas
Exposição futurista de Almada Negreiros

O futurismo é uma Arte perseguida. Não pela censura prévia, como nós, mas pelas risadas dos que a não compreendem ou não querem compreender. O futurismo, apesar de ser uma nova modalidade da Arte, já tem apóstolos como Marinetti e suicidas como Mario Carriero. É uma nova técnica, uma maneira recente de interpretar a natureza, tam diferente da usual que todo aquele que, desde tenra idade, amoldou o cérebro e o sentimento às banais correntes artísticas, ao enfrentar o futurismo nada percebe, nada vê, não quer acreditar que ele, como qualquer outra expressão do pensar e do sentir, encerre poesia, tragédia, comédia, ironia, e muitas vezes, a banalidade de todos os dias.

A sensação produzida pelo futurismo, com as suas obras exóticas, exactamente a mesma que o realismo literário provocou ao romper definitivamente com o romantismo; é mesma sensação causada pelos quadros de Courbet e Puvion de Chavanras e, já recentemente, pelo impressionismo de Bismar.

Quasi todas as novas concepções artísticas que se querem impor, trazem revolução. Há revolução nos vários sistemas artísticos, como a há na estrutura económica dum regime ou nos ideais políticos dos povos; o futuro renovador é sempre o mesmo. A revolução é feita pelo exagero, pela suprebundância de força que não se pode conter. Zola, na literatura realista, foi exagerado; Courbet e Manet e Degas, no realismo pictorial, excederam-se; Rodin marcou pela força a sua personalidade, influenciando com o seu genio uma geração de escultores medíocres, de que em Portugal, há muitas amostras: Bernard escandalizou Paris e, não há muito tempo, que o cubismo de Conhae, fez ir os nossos conservadores.

Em geral as ideias novas são hostilidades pelo riso, porque o riso é o primeiro demolidor. Quando o riso não chega, lança-se mão da intriga de senhora vizinha, da conspiração; mas raro é haver alguém que as combata frente a frente.

Ora, o futurismo, devido ao seu exagero, bastante justificável, foi e é alvo de tropas formidáveis. Nós não somos dos que o troçamos; e, a troçar, preferíamos ligar-nos aos troçados e rirmos dos conservadores, sempre mais caricatos com as suas manias de impedir o mundo de seguir o seu movimento progressivo e irreprimível.

O sr. Almada Negreiros é dos futuristas portugueses que mais troço tem sofrido. Porém, como é um temperamento superior, tem sabido responder à troça com a própria troça. Sem abdicar dos seus ideais futuristas, ele fez—está ainda na memória de todos—o *manifesto anti-Dantas*. Todos os homens tem o seu lado ridículo e o sr. Almada Negreiros sobre ver, apunhalou com habilidade extrema, o Dantas caricato. E—caso estranho!—todos os que riam e escarniam as loucuras de Almada Negreiros, riram a bom rir, não do manifesto, mas do Dantas, do "Dantas que usa calças de rendas", do "Dantas que cheira mal da boca" e da "Mariana Al-cunhado". E quantos que não são futuristas exclamaram com o autor proscrito e escarnecido: —"Morra o Dantas! Pim!"

Este manifesto trouxe vantagens ao futurismo, em Portugal, porque conseguiu fazer-se compreender. E Almada Negreiros persiste, não sabendo nós se trilha o caminho da verdade ou não; prossegue, aperfeiçoa-se dentro do seu campo.

A perseguição obrigou Negreiros a sentir a necessidade de se ir para o estrangeiro. E sabe ele, quantas vezes fez desenhos exagerados e traços que nem ele próprio reconhecia, no intuito apenas de *épater le bourgeois*, de ser perseguido por ele.

O homem não se gloria apenas dos aplausos; os apupos também lhe trazem prazeres estranhos e agri-joes. E o sr. Negreiros há de ter sentido muitas vezes uma grande vontade de fazer umular impropérios à multidão ignorante. Porém, essas obras de *épater le bourgeois* não lhe dão grande valor emotivo para o autor.

Ultimamente Almada Negreiros tem feito progressos. Verifica-se o seu aperfeiçoamento na exposição que tem no salão nobre do teatro de S. Carlos. Os seus recentes trabalhos—pena é não estarem numerados para a eles melhor nos referirmos—tomaram um rumo um pouco diverso. Sem fugirem à originalidade e ao exotismo, sentem-se melhor, vão mais certos ao nosso sentimento. Negreiros chegou a adquirir uma simplicidade que si inexistível de traço nos seus desenhos. Ocorre-nos agora uma figura em que um dos braços era apenas indicado por um traço tremido, que nos deu a impressão do movimento. Vimos também uma máscara pequena, levemente aguarelada, cuja sombra simples e uma nos impressionou.

Há na sua exposição uns *pierrrots* de linhas sinuosas e composição impecavelmente harmônica. Parece-nos que

Notas de além fronteiras

Um prémio ao pior livro do ano

Em Paris existe uma instituição verdadeiramente original, fundada por literatos humanistas. Tem ela por fim investigar entre as produções literárias francamente más, que se apresentem a uma apreciação, qual delas é merecedora do prémio que a sociedade concede, que desta forma queira auxiliar o esforço que julga ser necessário para produzir um trabalho literário declaradamente detestável.

Entre os membros do júri figuram os escritores Bérard, Carco, Pellerin e Warnod, e parece que ele, no primeiro certamen, há pouco realizado, não teve de pronunciar-se sobre qualquer obra, pois ninguém apareceu a disputar o prêmio, apesar de tanta coisa péssima que deve ter sido publicada. Por isso, a falta de concorrentes o júri, tendo de apresentar o seu *verdictum*, outorgou, por unanimidade, ao "Tratado da Paz e merecido prémio.

Seria lamentável, diz *La Liberté*, de Madrid, que de futuro, como não haverá tratados de paz como o dos nossos dias, se deixe ficar deserto tal interessante concurso, e por isso convida os campeões literários a concorrerem no próximo, que se realizará em Dezembro, data indicada para a concessão do novo prémio.

Não pode dizer-se que a sociedade não se tenha estreado soberbamente, premiando uma verdadeira monstruosidade.

Coisas da selvajaria bolxevista

Os grandes diários de todas as partes do mundo, ao serviço do capitalismo, não tem deixado de mostrar a Rússia como um caos monstruoso, mas de vez em quando denunciam-se e publicam notícias como a que segue, que tendo aparecido em *New York World*, foi reproduzida por *La Prensa*, de Buenos Aires.

O articulista afirma que a primeira coisa que surpreende o estrangeiro que chega a Moscovo é o ambiente de alegria e hospitalidade franca do povo eslavo. Os velhos parecem crianças, e todos os homens e mulheres, adultos, dão provas dum optimismo de vida, que contrasta com a tristeza de muitos países da Europa e principalmente da América.

UM NOVO FOLHETIM DE "A BATALHA"

A partir da próxima quinta-feira iniciará o nosso jornal a publicação dum novo folhetim, e bastará dizer-se que é **CARLOS MALATO**, escritor avançado e reconhecido pelos recitamentos literários, o autor da obra que escolhemos, e se intitula

OS COMUNEIROS

para que os nossos leitores a esperem com justificada impaciência. De facto, no folhetim que *A Batalha* inaugurará na próxima quinta-feira

aliam-se todos os requisitos que podem tornar interessante uma narração, pois não lhe falta intensidade dramática, pormenores emocionantes, primores de descrição, etc. E assim, o romance de

Carlos Malato, já traduzido em vários países, terá certamente por parte dos nossos leitores o mesmo entusiástico acolhimento que lá fora obteve.

E, portanto, com suma satisfação que anunciamos desde já a publicação de

OS COMUNEIROS

a partir de quinta-feira próxima.

A morte do presidente do ministério

O coronel sr. António Maria Baptista que, conforme ontem dissemos em *Ultimas*, fora acometido na madrugada de anteontem duma congestão, veio a falecer, no ministério do interior, onde estivera reunido o conselho de ministros, pelas 6,15, depois de em vão ter sido sangrado três vezes pelo dr. sr. João Luís Ricardo, ministro da agricultura.

O cadáver do falecido presidente do ministério tem estado e continua exposto no salão nobre do ministério do interior, transformado em câmara ardente, de onde sairá amanhã o funeral, pelas 15 horas.

UMA hidra sem cabeça

As coisas não são mais as mesmas. O sol despide brazas, o chão escaldado e silenciosamente que a bicha vê partir algumas vítimas que já não podem mais, algumas vítimas que temem cair entontecidas pelo calor, ou agoniadas de fraqueza, de tanto esperar sob um sol asfixiante, comprimidas entre tantos corpos, incessantemente apertando-se para chegar à frente.

E' ver então a pungente submissão daquela gente adaptando-se para a conquista de uma diminuta porção do género almejado, vendido entre chafalhas e arremesses, por um preço ignóbil e revoltante. E' analisar a psicologia daquela expectativa, em que há milhares com uma doce resignação, como um tam melancólico abatimento, como se aguardassem a vez, num hospital, para acariar um filho querido.

Arrastados os rebeldes, os queixosos que oussaram lamentar o roubo do seu tempo, do seu tempo apenas, a bicha inteira entra a censurar o seu procedimento...

Nem uma queixa mais. Nem uma revolta, nem uma indignação ante um empacamento, ante uma grosseria do merecido ou da polícia...

São apenas lamentos, imprecações contra os rebeldes, contra aqueles estes ferimentos precipitados!

—Mas se eles não querem esperar, porque veem cá? O que é que eles querem? ... Chegar e andar! ... Ora está-se logo a ver que isso não podia ser... E' preciso muita paciência! ... As coisas não podem ir a correr. Se não fossem eles vir cá fazer a zarataga, já estavam todos aviados, assim... E' bem feito que o tendeiro agora não queira vender; está no seu direito. Eu cá por mim, se fosse ele, era o que fazia...

E, nesta progressão de comentários, chegam-se a ouvir frases como estas: —E' bem feito... E' bem feito... O povo é que tem a culpa. E' muito imprudente!

E nem um esboço de revolta contra os de cima, contra os causadores da sua miséria, do seu empacamento, das suas longas permanências, das suas insustentáveis atitudes no momento da venda problemática!

Se já há gente que leva farnel, que leva baucos, que se sujeita a estar de

DA VIDA QUE PASSA

A hidra sem cabeça

As coisas não são mais as mesmas. O sol despide brazas, o chão escaldado e silenciosamente que a bicha vê partir algumas vítimas que já não podem mais, algumas vítimas que temem cair entontecidas pelo calor, ou agoniadas de fraqueza, de tanto esperar sob um sol asfixiante, comprimidas entre tantos corpos, incessantemente apertando-se para chegar à frente.

E' ver então a pungente submissão daquela gente adaptando-se para a conquista de uma diminuta porção do género almejado, vendido entre chafalhas e arremesses, por um preço ignóbil e revoltante. E' analisar a psicologia daquela expectativa, em que há milhares com uma doce resignação, como um tam melancólico abatimento, como se aguardassem a vez, num hospital, para acariar um filho querido.

Arrastados os rebeldes, os queixosos que oussaram lamentar o roubo do seu tempo, do seu tempo apenas, a bicha inteira entra a censurar o seu procedimento...

Nem uma queixa mais. Nem uma revolta, nem uma indignação ante um empacamento, ante uma grosseria do merecido ou da polícia...

São apenas lamentos, imprecações contra os rebeldes, contra aqueles estes ferimentos precipitados!

—Mas se eles não querem esperar, porque veem cá? O que é que eles querem? ... Chegar e andar! ... Ora está-se logo a ver que isso não podia ser... E' preciso muita paciência! ... As coisas não podem ir a correr. Se não fossem eles vir cá fazer a zarataga, já estavam todos aviados, assim... E' bem feito que o tendeiro agora não queira vender; está no seu direito. Eu cá por mim, se fosse ele, era o que fazia...

E, nesta progressão de comentários, chegam-se a ouvir frases como estas: —E' bem feito... E' bem feito... O povo é que tem a culpa. E' muito imprudente!

E nem um esboço de revolta contra os de cima, contra os causadores da sua miséria, do seu empacamento, das suas longas permanências, das suas insustentáveis atitudes no momento da venda problemática!

Se já há gente que leva farnel, que leva baucos, que se sujeita a estar de

Sobral de CAMPOS

DA VIDA QUE PASSA

As coisas não são mais as mesmas. O sol despide brazas, o chão escaldado e silenciosamente que a bicha vê partir algumas vítimas que já não podem mais, algumas vítimas que temem cair entontecidas pelo calor, ou agoniadas de fraqueza, de tanto esperar sob um sol asfixiante, comprimidas entre tantos corpos, incessantemente apertando-se para chegar à frente.

E' ver então a pungente submissão daquela gente adaptando-se para a conquista de uma diminuta porção do género almejado, vendido entre chafalhas e arremesses, por um preço ignóbil e revoltante. E' analisar a psicologia daquela expectativa, em que há milhares com uma doce resignação, como um tam melancólico abatimento, como se aguardassem a vez, num hospital, para acariar um filho querido.

Arrastados os rebeldes, os queixosos que oussaram lamentar o roubo do seu tempo, do seu tempo apenas, a bicha inteira entra a censurar o seu procedimento...

Nem uma queixa mais. Nem uma revolta, nem uma indignação ante um empacamento, ante uma grosseria do merecido ou da polícia...

São apenas lamentos, imprecações contra os rebeldes, contra aqueles estes ferimentos precipitados!

—Mas se eles não querem esperar, porque veem cá? O que é que eles querem? ... Chegar e andar! ... Ora está-se logo a ver que isso não podia ser... E' preciso muita paciência! ... As coisas não podem ir a correr. Se não fossem eles vir cá fazer a zarataga, já estavam todos aviados, assim... E' bem feito que o tendeiro agora não queira vender; está no seu direito. Eu cá por mim, se fosse ele, era o que fazia...

E, nesta progressão de comentários, chegam-se a ouvir frases como estas: —E' bem feito... E' bem feito... O povo é que tem a culpa. E' muito imprudente!

E nem um esboço de revolta contra os de cima, contra os causadores da sua miséria, do seu empacamento, das suas longas permanências, das suas insustentáveis atitudes no momento da venda problemática!

Se já há gente que leva farnel, que leva baucos, que se sujeita a estar de

União dos Sindicatos Operários

Sessão de protesto contra as perseguições governamentais

Como noticiámos, realizou-se ontem na sede da União dos Sindicatos Operários, uma sessão de protesto contra as perseguições de que tem sido vítima a organização operária, e com especialidade contra a condenação de *Batalha*, de Évora e as perseguições a *Batalha*.

A sessão presidiu o camarada José dos Santos, membro da comissão administrativa da U. S. O., secretário de Calçado, Couros e Peles, e Alexandre Assis, da Construção Civil.

Fizeram uso da palavra os camaradas João de Matos, da C. G. T.; Francisco Viana, Alfredo Marques, da comissão pró-liberdade de imprensa; Joaquim Francisco, da Federação da Construção Civil; Artur de Oliveira, da Federação de Calçado, Couros e Peles, e Gregório Matoso, da Federação Corticeira, que protestaram contra todas as perseguições, referindo-se às condenações de Évora e de S. Pedro da Cova, apelando para a união do proletariado e que se deve prestar o maior auxílio a *Batalha* para que esta, como porta-voz da organização operária portuguesa, possa desempenhar-se da missão para que foi criada, terminando a sessão no meio do maior entusiasmo.

Foi aberta uma queta a favor dos jornais *A Batalha* e *O Despertar*, que rendem 630, tendo nós recebido a quantia de 315, que corresponde a *Batalha*.

Eduardo FRIAS

ARTIGOS VELHOS, IDEAS NOVAS

A Internacional na Espanha

DECLARAÇÃO

Faltariam ao dever que nos é imposto pela nossa própria dignidade e pela grandeza mesma da causa que defendemos, se no actual momento, em face do perigo e sob as ameaças da perseguição, não proclamássemos altamente as nossas opiniões, os nossos princípios, as nossas aspirações todas; que o triunfo das grandes ideias deve, mais ainda do que a sua própria justiça, ao vigor e inteireza dos caracteres que lhes dão vida.

Ao fundar *La Emancipación*, razões de conveniência para a Associação de que formamos parte aconselharam-nos a não nos apresentarmos ostensivamente com o carácter de órgão oficial da seção ou federação determinada: aspirávamos a defender as doutrinas e os interesses gerais da Associação Internacional dos Trabalhadores, e para este alto fim a tem dirigido até hoje os nossos humildes esforços. Mas a Internacional, com o carácter de direito e inoponível da justiça, acaba de ser declarada fora da lei, aparentemente dissolvendo a sua admirável organização, e os seus membros ameaçados com todos os rigores dum poder sem freio. Chegou, pois, a hora de desfalecermos ao vento da reacção a bandeira da Internacional.

Em face do mundo o declaramos, e sobretudo em face desse governo despótico: somos internacionais.

Professamos todas as doutrinas proclamadas e defendidas pela Associação Internacional dos Trabalhadores.

Queremos a abolição de todo e qualquer poder autoritário, quer revista a forma monárquica, quer a republicana, pouco nos importa.

Em seu lugar, estabeleceremos a livre federação de livres associações agrícolas e industriais.

Queremos a transformação da propriedade individual em propriedade colectiva. Por propriedade colectiva entendemos os instrumentos necessários à produção, como terras, minas, caminhos de ferro, navios, máquinas de todas as espécies, ferramentas de diversos géneros, valores monetários, etc., os quais só poderão pertencer à sociedade inteira, e cujo usufruto será por esta confiado às associações operárias, incumbidas de os fazer produzir.

Queremos o ensino integral para todos os indivíduos de ambos os sexos, a fim, que cessando o monopólio que da ciência exercem hoje as classes privilegiadas, desapareçam as desigualdades fictícias que elle produz.

Queremos que no futuro todos os indivíduos possam aceitar livre e cons-

cientemente o meio social que se estabelece, não havendo já uns seres destinados à vida do gódo, do mando e da inteligência, nem outros condenados ao embrutecimento e à servidão.

Queremos que, imediatamente depois duma revolução, as associações agrícolas tomem na devida forma posse de todas as propriedades que não sejam entulhadas por seus actuais donos, ou que tenham pertencido às populações como logradouro público, declarando-se todos estes bens de propriedade comum como instrumentos de trabalho.

Queremos da mesma forma que as associações industriais possam trabalhar imediatamente por sua conta, entrando logo na posse, como usufrutuários, dos instrumentos indispensáveis para o seu trabalho.

Queremos, numa palavra, que o operário viva e que trabalhe o parasita, que acabe o monopólio, exercido por poucos, do que a todos pertence; que se estabeleça a igualdade, que cesse o espantoso antagonismo de classes, gerador perpétuo de desordens; que se funde a harmonia e a paz; que reine a justiça.

A estas reformas fundamentais subordinamos toda a acção, todo o movimento político, só com a condição de as estabelecer e que iremos no seu dia à luta armada, já que nos expulsam do largo e aberto campo de associação; porque, repetimo-lo, o nosso ideal é a justiça, e é necessário, fatalmente necessário, que a justiça se realize no mundo, e porque estamos intimamente convencidos de que a transformação económica que reclamamos é condição indispensável da consolidação das liberdades políticas, que de outro modo serão sempre instituições transitórias à mercê dos poderes autoritários.

Tal é o programa que temos em mente continuar desenvolvendo nas colunas de *La Emancipación* e até vê-lo realizado empregaremos todas as nossas forças. Prepare-se o governo de Amadeu de Sabóia para nos arrancar violentamente a pena das mãos, como violentamente nos privou do direito de associação, pois prometemos de modo solene não lhe deixar um instante de repouso, nem recuar um ponto na luta desigual para a qual o poder nos provoca.

Se nela sucumbirmos, teremos cumprido com o nosso dever, e isso nos basta.

Pelo Conselho de Redacção

O Secretário, ANSELMO LORENZO

La Emancipación, Madrid, Janeiro de 1872

Um abuso

Geralmente, os agentes da polícia de segurança do Estado, quando vão, a título preventivo, prender os militantes operários — o que sucede com frequência desde que vigora este regime de liberdade e fraternidade — passam buscas nos respectivos domicílios, a pretexto de encontrarem... dinamite ou armas. Porém, sendo raríssimo encontrar em casa dos operários aqueles artigos, que mais abundam nos dos *soldados* defensores da república, não se dispõem a levar consigo os livros e papéis que se lhes afiguram subversivos, embora de subversivo nada tenham.

Sucedem que na enxurrada vão geralmente papéis que não têm a menor importância para a polícia, a quem para os seus delictos, pôsto que, por vezes, alguns daqueles papéis pertencem a organismos operários, encontram-se, em regra, na mão dos referidos trabalhadores por virtude de desempenharem cargos nos respectivos organismos.

Seria natural que uma vez restituídos à liberdade as vítimas da arcaica polícia, restituídos lhes fossem os documentos apreendidos, mas raramente tal facto se verifica, porquanto na segurança do Estado se tem negado, por vezes, a devolver papéis apreendidos, não porque tenham qualquer importância para a polícia, mas porque esta se julga no direito de os inutilizar. Assim sucedem com uns papéis, entre os quais vários recibos pertencentes a C. G. T., que a polícia apreendeu há tempos em casa do nosso camarada Alfredo Neves Dias, quando ali o foi capturar não se sabe porque — porque lho não disseram na polícia — papéis que tendo sido reclamados a vezes várias por aquele nosso amigo, ainda lhe não foram entregues. E o mesmo facto se verifica em relação ao nosso camarada Leopoldo Calapez, a quem foram apreendidos igualmente uns papéis quando da sua recente prisão e que da mesma forma lhe não foram devolvidos.

É possível que os dirigentes da polícia de segurança do Estado achem semelhante procedimento regular, mas nós achamo-lo simplesmente abusivo.

Propostas de finanças

A Associação de Classe dos Caixeiros e a Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio, realizam hoje, pelas 21 horas, na sua sede, rua António Maria Cardoso, 20, uma reunião magna dos empregados no comércio para serem apreciadas as propostas financeiras de representação que foi entregue ao Parlamento, pedindo para não serem colectados na taxa de 10 % de contribuição industrial os trabalhadores do comércio.

Será também profundamente distribuído pelas citadas colectividades um manifesto, convidando todos os empregados do comércio a assistirem a esta reunião, de grande interesse para a classe.

Rendimentos dos operários

No Banco do hospital de S. José recebeu um cheque, segundo se viu pela sua assinatura, assinado por S. José, o maior na rua de Lumen, 114, que entrou no maior direito de um homem de furar ferro, ficando com um uso esmagado.

A BATALHA

O que vai lá por fora

NA ITÁLIA

O espírito revolucionário dos trabalhadores

Está passando além de toda a nossa expectativa, a consciência revolucionária, já por mais duma vez manifestada em movimentos de diversa natureza, pelo proletariado italiano.

Com efeito, é para admirar que mesmo antes do início da verdadeira era revolucionária — antes de terem experimentado aquele influxo de entusiasmos e de audácia que se desenvolve sempre por ocasião de todos os movimentos de transformação social — os trabalhadores de Itália mostram já possuir em tam alto grau a compreensão exacta e precisa de quais são os seus direitos e deveres.

Este facto comprova-nos que a revolução, a rebarbar na Itália, irá muito mais longe do que todas quantas a tem precedido, e que conseguirá pôr em prática tudo que até hoje estas últimas tem tentado em vão.

Para corroborarmos estas afirmações, vamos citar a título de exemplo, alguns dos factos mais interessantes que por lá se tem passado.

Assim é que recentemente chegaram à estação dos caminhos de ferro de Santhia, provenientes de Avigliana e com destino à Suíça, diversos vagões carregados, segundo diziam as etiquetas, de mobília pertencente a um engenheiro.

Depois, por qualquer motivo, constatou-se que em vez de mobília os vagões continham material de guerra destinado à Polónia, e então uma grande parte do pessoal, incluindo os maquinistas, num belo gesto de solidariedade, recusou-se terminantemente a pôr o comboio de novo em andamento.

O chefe da estação bem os ameaçou a todos, mas com isso nada conseguiu e para lá ficaram imobilizados todos os vagões, por não haver quem se prestasse a fazê-los seguir para o seu destino.

Em Tiareggio, na Toscana, simplesmente por uns carabinieri terem assassinado um oficial, que discutia acaloradamente com outros por ocasião da festa desportiva, o povo levantou-se todo em massa cheio de indignação, incendiando casernas, apoderando-se do armamento (e até dum general), e levantando barricadas à entrada da cidade.

As tropas enviadas fizeram causa comum com os revoltosos, e os amigos da ordem para a poderem manter tiveram de fazer uso de meios suavizantes, pois que o frémito da rebelião já corria por toda a Toscana, formando-se batalhões operários dispostos a correrem em auxílio das tropas vermelhas de Viareggio.

O movimento apesar de não ter tido consequências sérias por esta vez, no entanto, mostrou-nos o estado de espírito em que se encontram as massas trabalhadoras da Itália, cheias de audácia e prontas para agir, logo que chegue a ocasião.

Mesmo dentro das casernas sopra também um vento de revolta, e assim é que o diário anarquista *Umanità* publica continuamente cartas de soldados, vindas de todos os pontos do país, em que estes declaram perentoriamente, que estão prontos a secundar qualquer movimento revolucionário, que por acaso venha a estalar.

NA ALEMANHA

Como são tratados os presos políticos na república social-democrata.

Comprova-se recentemente, por ocasião dum processo qualquer em Berlim, que trinta por cento dos presos políticos, que se encontram encarcerados nas diversas masmorras da república alemã, estão condenados a morrer de fome.

Os depoimentos dalguns presos mostraram que muitos dos seus companheiros vêem-se obrigados pela fome a procurar nos excrementos humanos e em restos nauseabundos, os alimentos que lhes faltam.

E é esta a forma como os socialistas alemães estão sendo em prática as promessas que as classes operárias fizeram por ocasião do movimento de von Kapp, conseguindo então por este modo, que o operariado não conscientemente deixasse de aproveitar um dos momentos mais propícios para a sua libertação.

Os tribunais, instituídos nos distritos industriais, já condenaram à morte vários soldados da guarda vermelha, que tomaram parte nos combates contra as tropas governamentais, e isto ainda agora vai no princípio.

NA HUNGRIA

Os horrores do terror branco

Continua a fúnebre lista das vítimas do regime de Friedrich e Horty.

Na caserna de Kalenfeld, próximo de Budapeste, foram mutilados e assassinados por soldados do grupo das forças brancas de Heppas, os dois comunistas húngaros Vadas Márton e Vadas Andor. Os seus cadáveres só foram encontrados tempos depois.

Os comunistas acusados de terem tentado contra a vida preciosa de Horty foram também condenados à morte pelo tribunal, mas este último cheio de generosidade comutou-lhes a pena capital em trabalhos forçados por toda a vida.

NA FRANÇA

As greves e a reacção

Continua com todo o entusiasmo o movimento encetado pelo proletariado francês, começando a situação a tornar-se agora bastante grave, apesar das afirmações em contrário da imprensa mercenária.

empenhando-se, indistintamente, nessa luta todos os reacçãoários desde Hervé até ao realista Daude.

As perseguições continuam, encontrando-se Monatte e Lorient ainda detidos na «Santé», e Mounonseau, o novo secretário geral da federação dos ferroviários, foi preso, quando saía da sede do Conselho Federal.

Depois duma busca efectuada em casa do militante ferroviário Lacoste, os jornais burgueses têm propagado que foi descoberto um projecto de constituição do regime dos Sovietes, e que entre os futuros ditadores, estavam apontados os nomes de Monatte e Lorient.

NA ÁUSTRIA

Os crimes de militarismo — O julgamento do general E. Linbitchitch

Acusado de ter mandado executar 14 soldados, durante a guerra, compareceu perante o Tribunal Supremo de Viena o general E. Linbitchitch, que foi absolvido.

Entre vários soldados fuzilados, um deles foi por se ter perdido do batalhão por ocasião duma pesquisa; e outro por se ter ficado para trás por motivo de doença.

Linbitchitch defendeu-se dos crimes apontados, dizendo que, na sua opinião, todo o general tinha o direito de mandar executar os seus homens, não só pelas faltas que eles pudessem praticar mas também para evitar que outros se lembrassem de as cometer. Ao ouvir isto, o presidente do tribunal respondeu-lhe, que nem mesmo aos espírios, a Convenção de Haia, permitia que fossem fuzilados sem julgamento, retorquindo Linbitchitch que para si era coisa desconhecida a tal Convenção de Haia, provando assim bem a significação e a importância por todos eles ligada ao chamado direito internacional.

A imprensa socialista e radical de Viena comentou asperamente a sentença pronunciada pelo tribunal supremo, mas, no entanto, só tem autoridade moral para a combater aqueles que condenam todo o regime social baseado na obediência, na disciplina e na ordem imposta de cima por um pequeno número.

NA ROMÉNIA

A reacção

Durante a guerra, o partido socialista romeno tomou uma atitude retinente revolucionária. Depois do último Congresso dos Independentes da Alemanha, convocou elle todos os socialistas para uma conferência em Bucarest, a fim de se resolver se se deveria ou não aderir à Internacional de Moscúvia. Lá, como por toda a parte, manifestaram-se três tendências. A mais forte, conglobando a maior parte das secções do antigo regime da Bessarábia e parte da Transilvânia, foi por a adesão pronta e imediata à Terceira Internacional.

Os ministerialistas da Transilvânia e Bucovina defenderam a união da Segunda com a Terceira Internacional, e os restantes membros do partido resolveram manter-se na Segunda, tais como os «Reconstrutores» franceses.

A burguesia, atemorizada com a vitória dos primeiros, iniciou logo as suas perseguições, e ameaçou todas as liberdades políticas, se o partido aderisse à Internacional de Moscúvia.

Foram tomadas medidas draconianas contra as greves, e os tribunais marciais começaram funcionando, condenando centenas de milhares de inocentes.

Presentemente, o número de perseguidos e condenados políticos sobre a mais de cem mil, e o número de mortos também é já bastante elevado, contando-se entre estes o conhecido socialista revolucionário russo dr. Natacha Grünfeld.

EM ÉVORA

Um comício público de protesto

Promovido pela União dos Sindicatos Operários de Évora e pela Federação Nacional dos Trabalhadores Rurais, um comício de protesto contra a condenação a pena maior de alguns trabalhadores rurais, acusados de fazerem parte de uma associação de malfetores.

Como foi uma pena infusa, porque se provou a nenhuma razão da acusação, pois nada confirmava a existência da fantástica associação ou que os condenados tivessem cometido roubos, antes foi demonstrada, duma forma iniludível, a honestidade e a honradez daqueles, é de prever que a população eborense se tenha solidarizado com a manifestação como protesto aos reacçãoários que pretendem imperar na região, perseguindo, com um ódio feroz, os que querem pensar livremente.

A batalha largamente se referiu a este caso, e por ela tiveram os nossos leitores ocasião de apreciar da monstruosidade praticada.

Foi tomar parte no comício o camarada Carlos de Araújo, delegado da U. S. O. de Évora junto do Conselho Confederado da C. G. T., e que ali a foi representar.

A Aurora Social, órgão da U. S. O. de Évora, publicou um suplemento no qual este organismo e a Federação dos Trabalhadores Rurais expõem ao país a forma ardida como foi preparado o processo e a condenação daqueles camaradas, vítimas do reacçãoismo local.

Até à hora de fecharmos o nosso jornal não recebemos informação alguma, esperando poder-lhe fazer amanhã.

Teatro dos Anjos

HOJE — 20.ª Representação — HOJE

Da mais bela revista

A GRANDE BICHA

Todas as noites

Sucesso de gargalhada

Todas as noites

Reclamações

Devem ser dirigidas à administração de A Batalha

Calçada do Combro, 38-A, 2.ª LISBOA-PORTUGAL

SOBRE UM LIVRO

"Canais e Lagôas"

Faltariam à verdade, se por acaso afirmássemos considerar como uma obra-prima o livro recentemente publicado por Octávio Brandão com o título *Canais e Lagôas*.

No entanto, apesar dalgumas imperfeições lhe notarmos, não podemos deixar de o classificar como um trabalho de certo valor, tanto de baixo do ponto de vista científico, como artístico.

Seguindo as pisadas de Humboldt, de Elsen Reclus e de todos os grandes poetas da natureza, que verdadeiramente souberam compreender os fins do estudo da geografia, O. Brandão — como era natural — embora ainda com este seu primeiro ensaio não tenha conseguido pôr-se a par dos seus mestres e inspiradores, mostra, no entanto, que possui faculdades, que lhe permitirão mais cedo ou mais tarde, vir a alcançar *desideratum*.

Além de saber ver e transmitir todas as emoções e comoveções em si despertadas pelas belezas naturais da Terra-Mãe, revela-se nos também como um espírito de vasta cultura, conhecendo em especial, experimentalmente, toda a constituição mineralógica e petrológica do solo e sub-solo da sua terra natal, o estado de A lagôas.

No entanto, como já acima dissemos, não podemos deixar de lhe apontar alguns defeitos no seu livro; e assim é que em certos capítulos, mistura ele com algumas páginas de verdadeiro compêndio de corografia, as exclamações e as apostrofes às mais exageradas hum estilo cheio de pompa, todo alegórico e hiperbólico, que destoa um pouco do género didáctico da obra.

Além disto, muitas das suas imagens e semelhanças são — na nossa opinião — destituídas de graça e originalidade, tendo-nos ficado de memória a que se segue:

«Grandes blocos de granito (que encham o leito do Parahyba) tam inumeráveis como os lampadários de bronze da mesquita bizantina e justiniana de S. Sofia».

Achamos isto sem gosto e sem correlação.

Uma outra coisa que também atraiu a nossa atenção foi a maneira fácil com que ele se atasta do assunto principal, embrenhando-se e particularizando minudamente certas circunstâncias secundárias, que, como a história do sr. Nicodemus e as reclamações feitas ao governo, ou ao povo (diz ele não saber bem a qual se há de dirigir) sobre uma série de melhoramentos a introduzir em Alagôas, não vem para ali muito a propósito.

«Tal terra, tal estilo. — Terra indecisa, estilo indeciso, confuso, desordenado» — escreveu O. Brandão, ao referir-se à inconsistência e à instabilidade da configuração física da terra dos «Canais e Lagôas»; e embora essas suas palavras não sejam absolutamente verdadeiras, todavia algumas passagens produziram-nos essa impressão.

Como exemplo citamos a seguinte: Falando-nos sobre os nevoeiros, a chuva, e vários outros meteoros, terminou ele, referindo-se os primeiros, com esta apostrofe:

«Os meus nevoeiros, em vos vendo, penso também nas brumas — ideias tristes — que me anuviavam a alma. Como esta desejaria uma carinhosa mão tam macia como vós todas, neblinas regionais, que acalmasse os seus incêndios, que apaziguasse as suas tempestades».

quereria tão certamente um ótimo remate, se ele, além de lhe não acrescentar mais estas palavras:

«Tempestades, furacões, n'alma Eis, marinheiro — artista — segura a nau — cérebro — senão ela naufragaria no golfo calmissimo da Melancolia ou no ansioso e inquieto oceano da Paranoia...»

não tivesse passado logo bruscamente para o parágrafo seguinte, sem o mais pequeno sinal de separação ou preâmbulo, a tratar de «raios e coriscos», escrevendo, a este respeito, numa linguagem chi e sem atavios, contrastando com o precedente:

«Cair um raio é um acaso; falar apenas de dois. Um em Coqueiro Seco, ao lado da sacristia da igreja; penetrou nesta, redoppiou para lá e para cá, e em um dos cantos mergulhou. O outro, em S. Luzia, no lugar Quilombo etc., etc.»

Mas já que falámos demasiadamente em tudo quanto nos desagradou no livro de O. Brandão, cumprime-nos agora também fazer referência aquilo de que mais gostámos.

De toda a obra o que saboreámos com maior prazer foi a descrição, cheia de belas metáforas, de vida e de realidade, do Parahyba, o rio dos pedregais.

Também interessante, mas já em segundo plano, tivemos o quadro da lagôa Nundahy, toda se agitando louca e inquietada, mal o sol lhe dirige com carinhosa delicadeza os seus raios fascicantes.

Não sabemos se com isto revelámos bom ou mau gosto, mas o facto é que nos teria sido mais agradável que O. Brandão em vez de perder tempo, crevendo que o rio tal e o lagôa tal, começam aqui e acabam acolá, etc., nos tivesse deixado — assim como fez para com os Canais, quasi no fim do 4.º capítulo — a quatro pineladas, os traços característicos (lagôas, ilhas, canais e rios) da paisagem alagoana.

E terminando, acrescentamos que o que acima de tudo lemos com maior interesse foi a 3.ª parte do Apêndice final, em que Brandão nos conta, num estilo torturado, todas as dores e sofrimentos que lhe custou a execução da sua obra, bem como a sua vida martirizada de idealista sonhador num meio incompatível.

A BATALHA

Diário da manhã

Porta-voz da organização operária portuguesa

Publicações

Recebem-se na administração de A Batalha e em casa das suas agências de profissões, nas agências Huas, Bastos & Gonçalves, Rádio e demais agências de anúncios. Não se publicam comunicados e anúncios com carácter particular ou a vida privada de qualquer pessoa.

Reclamações: Devem ser dirigidas à administração de A Batalha

Calçada do Combro, 38-A, 2.ª LISBOA-PORTUGAL

ULTIMAS NOTICIAS

A GUERRA VERMELHA

Ante o avanço dos bolchevistas

A situação da Pérsia é grave

PARIS, 6. — O príncipe Fíreuz, declarou a um correspondente do *Matin*, em Londres, que a situação na Pérsia, motivada pelo avanço bolchevista, é séria. — *Rádio*.

A Pérsia pede socorro aos aliados

PARIS, 6. — O conselho da sociedade das nações reunir-se-á em Londres no dia 11 de Junho a fim de examinar o pedido do governo persa enviado em consequência da ofensiva bolchevista. — *Rádio*.

Os polacos recuam

LONDRES, 6. — A ofensiva geral bolchevista contra os polacos continua a desenrolar-se entre o Pripiet e o Dniester.

Os postos avançados polacos foram repellidos por forças de 16.000 homens de cavalaria e numerosas forças de infantaria. A linha polaca estende-se agora de Butaikt e Bilelayat.

No noroeste do Pripiet os ataques bolchevistas foram repellidos. — *Rádio*.

EM ESPANHA

A situação normalizada... mas persistem as precauções

VALENCIA, 6. — A situação acha-se normalizada, excepto na parte respeitante ao ramo metalúrgico.

No pórtio continuam as operações de cargas e descargas de mercadorias. Todavia persistem as precauções estratégicas. — *Rádio*.

Amizades... suspeitas

SEVILHA, 6. — A questão agrária mostra bom aspecto, tendo sido fechados contratos entre patrões e operários de uma forma amigável. — *Rádio*.

Elevando o preço dos géneros

MADRID, 6. — Repetiram-se novamente os distúrbios em Salamanca em virtude da elevação do preço das substâncias.

O comércio aproveitou a chegada dos forasteiros como pretexto para elevar o preço dos géneros, agravando deste modo o custo da vida. — *Rádio*.

Agrava-se o problema das subsistências

MADRID, 6. — Os governadores de várias províncias conseguiram impor taxa sobre o azeite e outros artigos. Continua nesta cidade a agravar-se o problema das subsistências. — *Rádio*.

Lerroux contra a política ditatorial

MADRID, 6. — O sr. Lerroux conferenciou com o ministro da fazenda acerca das denúncias contra o governador civil e chefe supremo da polícia, os quais desenvolviam uma política ditatorial. O sr. Lerroux comprometeu-se igualmente a apresentar documentos comprovativos. — *Rádio*.

Federação Corticeira. — Conselho Federal.

Reúne-se, amanhã, apreciando diversos assuntos de interesse para a classe, entre eles a realização do próximo congresso. Tendo-se reconhecido a situação irregular de alguns organismos corticeiros, resolveu-se adiar o congresso para mais tarde, não devendo exceder o prazo dum mês a data da sua convocação.

CONVOCAÇÕES

Federação da Construção Civil. — Bolseira de Trabalho. — Reúne hoje o conselho administrativo para tratar de assunto urgente.

Pede-se a comparecência de todos os camaradas.

União dos Sindicatos Operários

Reúne hoje a comissão administrativa deste organismo a fim de dar a posse aos camaradas eleitos para a nova comissão da U. S. O., para o que se pede a comparecência dos respectivos camaradas às 21 horas, na sede.

Pessoal extraordinário dos tabacos.

Reúne amanhã, em assembleia geral, pelas 20 e meia horas, para tratar de assuntos importantes. Proceder-se-á também à nomeação dos cargos vagos na comissão administrativa e nomeação da comissão de melhoramentos, assim como à distribuição do subsídio aos camaradas que ainda se encontram desempregados.

Sindicato Único Mobiliário.

Realiza-se amanhã, pelas 21 horas, a assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: apreciar o aumento da cota sindical; resolver sobre a situação da oficina sindical dos cesteiros em face do sindicato e apreciar o balanço do 1.º trimestre.

Comissão organizadora do congresso.

A fim de iniciar os trabalhos para a realização do congresso, que deve ter lugar em Coimbra, no próximo mês de Outubro, são convidados os membros desta comissão a reunir hoje, pelas 21 horas, esperando-se que ninguém falte.

Inscritos Marítimos.

Reúne hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral, para tratar de um assunto de grande importância.

Ferrovários da C. P. — Convindam-se os ferroviários demitidos e transferidos do quadro, por motivo da greve de Julho de 1919, que pretendam ser incluídos na lista que vai ser entregue pedindo a sua reintegração, que se inscrevam ou façam inscrever, por escrito, na

Em Barcelona mantém-se o movimento grevista — Êxodo de operários

BARCELONA, 6. — Continuam as greves parciais, elevando-se a 11.600 o número de grevistas.

Continua a emigração de operários para a França e Estados Unidos. — *Rádio*.

Greve do pessoal das farmácias

PALMA DE MALLORCA, 6. — Declarou-se em greve o pessoal das farmácias. — *Rádio*.

Temem-se conflitos na Corunha

CORUNHA, 6. — Agravou-se o conflito das farinhas, temendo-se distúrbios em virtude da falta de pão. — *Rádio*.

E' preso o feiticeiro dum atentado

BARCELONA, 6. — Foi detido o operário Camacho, autor do atentado contra o encarregado da Fábrica Canals. — *Rádio*.

Uma praga de gafanhotos

LOGRONO, 6. — Uma praga de gafanhotos assola a província, causando grandes prejuízos nos campos. — *Rádio*.

Os homens da bóia em scena

MADRID, 6. — O ministro da fazenda declarou que as negociações da bóia sobre a corporação de profissionais seja rigorosamente interdito por uma lei, sob as mais severas sanções, aos funcionários de qualquer ordem, encarregados de assegurar os serviços públicos. — *Rádio*.

FRANÇA

Felicitando e pedindo a interdição do direito de greve

<

CONTOS DE A BATALHA

A GRATIDÃO DA CIGANA

Naquele áspero dia do mês de Julho, quando a vida era uma fôrma activa, es-
prezante como um incêndio imenso, o
Carmo precisou de sair de casa. Era
meio dia, a hora em que a passada, fugindo
daquele sol torturante, se tinha recolhido
debaixo dos ramos verdes, cantando a sua
alegria e praticando livremente o seu amor. Ju-
liao, encaminhando-se para o ponto da
cidade que tinha em mira, chegou en-
fim a um dos seus arrabaldes. Aproxima-
ndo-se dum velho, sujo e baixo pa-
redão, tão baixo que não dava a soma-
ria necessária para cobrir os tristes
farrapos humanos que ali agonisavam,
descobriu dois vultos que se lhe atri-
buíram miseráveis, duas criaturas des-
providas dos carinhos do mundo. Era
um velho e uma virgem. Aquele, de-
tado junto do paredão, doente e famin-
to, tinha uma pedra por almofada e um
vestuário ignóbil feito de velhos e sujos
farrapos; esta, testemunha inconsciente
daquele espectáculo comovido, boco-
java com fome e deixava ver as suas
carnes de inocente, pelos buracos do
seu velho casaco de chita ordinária.
O velho era um cigano, e a criança,
chamada Rosália, era sua filha.
Juliao, que imediatamente se julgou
em presença dum drama provocado de
lágrimas, acendeu-se dos desgraçados
e, dirigindo a sua palavra meiga e bran-
da ao velho, principiou:
—Que tem, amigo? Está cansado? Es-
tá doente?
—O infeliz, como consequência da sua
prostração, não o viu nem o ouviu.
De novo Juliao lhe dirigiu as mes-
mas palavras interrogativas, agora em
voz mais forte. A vítima, aquela vítima
da negra lei que rege o mundo, abriu
os olhos. Acto continuo teve um estre-
meamento geral, denotando susto e
desconfiança. Juliao que, como agente
da autoridade, o ia meter na cadea,
acusando-o de vadio. Porque a cadea
lhe metesse medo? Não porque, indo
lá albergar-se, lhe não seria consen-
tido ter junto de si a maior alegria
do seu coração: Rosália, a sua querida
filha, de cujos olhos profundos se des-
prendia aquele momento a serena luz
da inocência... O pobre velho lamuri-
ou a custo, quasi imperceptivelmente:
—Que é, meu senhor?
E Juliao, aproximando-se mais, disse-
lhe de novo:
—Que tem, amigo?
—Estou doente e pouco posso fa-
lar!
Acto continuo deixou cair a cabeça
grisalha, coberta com um sinuoso de
chapeu, sobre a pedra que lhe servia
de almofada, vendo Juliao que dos seus
olhos semi-mortos se desprendiam,
cristalinas como as gotas de orvalho
das serenas manhãs de Abril, duas lá-
grimas volumosas, síntese do seu sofri-
mento heroico, revelação da sua ama-
rura de cigano... As lágrimas do ve-
lho, qual fogo sagrado que ateia outro
fogo, provocaram outras lágrimas, ha-
vendo um momento (o dulcíssimo mo-
mento que se desprende do Amor) em
que choraram as três: O cigano, sua
filha e Juliao.

Juliao despediu-se carinhosamente,
prometendo voltar dentro em pouco.
As suas palavras, serenas e profunda-
mente amoráveis, transmitiram uma
esperança aos corações daqueles tristes
párias. De facto, Juliao voltou dentro
de poucos minutos, fazendo-se acom-
panhar dum amigo e conduzindo o seu
modesto trem de passeio. Chegando que
foi junto do cigano, notificou-lhe o de-
sejo de que este o acompanhasse, bem
como Rosália. E pedindo ajuda ao ami-
go que o acompanhava, meteu o doente
dentro do carro, ao lado de Rosália.
Esta e seu pai perguntavam a si mes-
mas:
—Um dementido
A direcção da Associação dos Operá-
rios Manipuladores de Pão, encontra-
do no *Século* de domingo uma nota em
que se dizia «Que, por falta de água, o
sr. Sousa Neves, presidente da Associa-
ção dos Manipuladores de Pão, tinha
conferenciado com o sr. ministro do
comércio», esta direcção vem perentó-
riamente dizer ao público que este se-
nhor nunca pertenceu nem pertence a
esta associação, como se afirmava na
mesma nota.
Mais resolveu esta direcção fazer pú-
blico que a nota que o *Diário de Notí-
cias* inseriu no seu número de sábado,
em que diz respeito a despesas com o
resal, a toma como burla para assim
se ludibriar os srs. deputados e o pú-
blico em geral. Para que se saiba quan-
to ganham os manipuladores de pão,
damos a seguinte nota:
Caxeiro (1): 1888; fôrneiro (1): 1567;
massadores (2): 3535; moços (2): 2584.
Total, 9572 e não 18837, como a nota
dizia.
Querem a Moagem e a Panificação
(duas irmãs leais) ludibriar toda a ge-
nte, dizendo que empregam no fabrico
de seis sacas de farinha oito homens,
quando empregam apenas seis e em al-
gumas casas menos.
A'leria, senhores do governo e se-
nhores deputados, que os ladrões da
moagem querem ver se podem roubar
mais do que o que têm roubado. A'leria,
consumidores, que a vossa bolsa es-
tá a saque!!!
Proezas dum encarregado
Antônio Baptista veio queixar-se a
esta redacção que um tal José Vieira,
encarregado dum obra na rua dos Pan-
queiros, o tratou mal não só por pa-
lavras como também com a respectiva
agressão, pelo facto de não ter querido
ceder as horas suplementares que lhe
queriam impor.
Trabalhavam na referida obra alguns
operários residentes em Queluz que por
não se sujeitarem às exigências do mes-
mo encarregado que desajava também
faz-los trabalhar mais horas, o que os
obrigava a perder o combóio, foram
despedidos.
Temos quasi a certeza de que o sr.
José Vieira há de ser todo legalista, ex-
cepto no respeitante à lei do horário de
trabalho, que não lhe convém.
Leis, leis, são papéis...
Nada resolve o problema da carestia
da vida a não ser um programa largo,
bem estudado e posto em prática pelo
proletariado.
É a única solução que virá por ter-
mo a esta situação que dia a dia se
agrava, não só entre nós, mas através
de todos os países. Não há, nem haverá
melhorias de situação para a massa
mole trabalhadora.
As melhorias, se melhorias a isso se
pode chamar, essas vão incidir sobre
um restinho de número de indivíduos,
que saíam de repente e a cada passo
para o lado de lá da barricada, mas
essa minoria só faz pesar cada vez mais
o prato da balança dos bem comidos,
enquanto que o número dos descon-
tentes sente que cada vez a sua situa-
ção é mais precária e insustentável. Se
pão não tinha, não tem, e cada vez
tão mais falta mais.
As riquezas sociais são as mesmas.
Elas são os metais ouro, prata, etc.,
amodados porque com eles se arranca
aos povos todo o fruto das suas can-
ceiras. Esses metais, pelas circuns-
tâncias presentes, estão passando de todo
à mão dessa minoria que está no outro
prato da balança. Nós, somos o mun-
do dos habitantes dum dos dois pratos
da balança do equilíbrio social, e
de sorte que quanto mais passar do
nosso prato para o prato vizinho, maior
é o nosso mal-estar, mais alto fica o
nosso e mais formidável é a queda. A
burguesia, que nos fica do lado oposto
está cada vez mais avara, e é cada vez
composta de gente mais estúpida. Essa
gente nada vê além do seu interesse.
Sente-se agora, apesar de ser a época
em que tantos proventos recolhe, num
declive limoso, donde os pés lhe escor-
regam; vê um precipício profundo para
onde os factos ameaçam despe-
nhá-la.
Em face disso ela organiza a defesa,
uma defesa mais ou menos perfeita, da
dos meios de que dispõe. Ela não
vencerá, não vence, pode mesmo afir-
mar-se, dados os factores que precipi-
tarão a luta e mesmo porque os ele-
mentos em que ela cimenta a sua defe-
sa e confiança são ainda dos que mais
cedo ou mais tarde tem de acordar e
em sua própria defesa se há de juntar
aos que hoje atacam. Eles fazem parte
dos descontentes que por cegueira lá
estão. Por cegueira e pela força das
circunstâncias eles defendem a fera que,
cravando-lhes a garra, arranca-lhes as
entranhas de que se alimenta; os po-
vos acariacim e defendem a sanguessuga
que do seu sangue se enche.
Isto não durará muito, não pode
mesmo durar, mas, entretanto, o mal-
estar é tudo isto que sentimos; e, por
isso, é necessário elaborar um progra-
ma económico e imediatamente dispor-
mos os elementos para o levar à prá-
tica.
Mas como conseguí-lo, se a organi-
zação social presente detem para si to-
das as terras e meios de produção? Co-
mo realizá-lo, se para qualquer lado
que nos voltamos não encontramos um
palmo de terra ou uma telha que não

A BATALHA

A CARESTIA DA VIDA

E' um problema que só com a transformação
da sociedade se resolverá
Nada resolve o problema da carestia
da vida a não ser um programa largo,
bem estudado e posto em prática pelo
proletariado.
É a única solução que virá por ter-
mo a esta situação que dia a dia se
agrava, não só entre nós, mas através
de todos os países. Não há, nem haverá
melhorias de situação para a massa
mole trabalhadora.
As melhorias, se melhorias a isso se
pode chamar, essas vão incidir sobre
um restinho de número de indivíduos,
que saíam de repente e a cada passo
para o lado de lá da barricada, mas
essa minoria só faz pesar cada vez mais
o prato da balança dos bem comidos,
enquanto que o número dos descon-
tentes sente que cada vez a sua situa-
ção é mais precária e insustentável. Se
pão não tinha, não tem, e cada vez
tão mais falta mais.
As riquezas sociais são as mesmas.
Elas são os metais ouro, prata, etc.,
amodados porque com eles se arranca
aos povos todo o fruto das suas can-
ceiras. Esses metais, pelas circuns-
tâncias presentes, estão passando de todo
à mão dessa minoria que está no outro
prato da balança. Nós, somos o mun-
do dos habitantes dum dos dois pratos
da balança do equilíbrio social, e
de sorte que quanto mais passar do
nosso prato para o prato vizinho, maior
é o nosso mal-estar, mais alto fica o
nosso e mais formidável é a queda. A
burguesia, que nos fica do lado oposto
está cada vez mais avara, e é cada vez
composta de gente mais estúpida. Essa
gente nada vê além do seu interesse.
Sente-se agora, apesar de ser a época
em que tantos proventos recolhe, num
declive limoso, donde os pés lhe escor-
regam; vê um precipício profundo para
onde os factos ameaçam despe-
nhá-la.
Em face disso ela organiza a defesa,
uma defesa mais ou menos perfeita, da
dos meios de que dispõe. Ela não
vencerá, não vence, pode mesmo afir-
mar-se, dados os factores que precipi-
tarão a luta e mesmo porque os ele-
mentos em que ela cimenta a sua defe-
sa e confiança são ainda dos que mais
cedo ou mais tarde tem de acordar e
em sua própria defesa se há de juntar
aos que hoje atacam. Eles fazem parte
dos descontentes que por cegueira lá
estão. Por cegueira e pela força das
circunstâncias eles defendem a fera que,
cravando-lhes a garra, arranca-lhes as
entranhas de que se alimenta; os po-
vos acariacim e defendem a sanguessuga
que do seu sangue se enche.
Isto não durará muito, não pode
mesmo durar, mas, entretanto, o mal-
estar é tudo isto que sentimos; e, por
isso, é necessário elaborar um progra-
ma económico e imediatamente dispor-
mos os elementos para o levar à prá-
tica.
Mas como conseguí-lo, se a organi-
zação social presente detem para si to-
das as terras e meios de produção? Co-
mo realizá-lo, se para qualquer lado
que nos voltamos não encontramos um
palmo de terra ou uma telha que não
seja dalgum e não vemos senão párias
aos milhares?
Faqamos de conta que nada disso
existe. Fantasiemos que tudo é de to-
dos e que só resta dispor os elementos
para encher a luta pelo bem comum.
Tudo que ali está é insubstituível e de
quando em quando a rajada social o
faz vergar até vir a rasgar na terra. Se
estivessemos preparados poderíamos
aproveitar esses momentos. Para isso,
porém, precisamos começar desde já a
iniciar trabalhos duma ordem nova.
São trabalhos para ficar, trabalhos
constructivos. Não é preciso destruir
muito mais. Está destruído o principal.
Essa sociedade que ali está, mascarada
por uma grossa camada de egoísmo,
deixou cair, à força dos golpes da pi-
careia social, essa casca: e o descar-
nado já se viu que nada ela tinha de
moral. Era só egoísmo.
Tremenda de ambições, só resta er-
guer no seu lugar uma sociedade de
moral para a de esborçar; e nada mais
temos neste momento a fazer do que
iniciar esse vasto trabalho. As greves se-
rão alguma coisa ainda, mas no cami-
nho que seguimos, se elas tivessem em
mira só os assuntos de salário, dentro
em breve seriam necessárias todas as
quinzenas.
É preciso coisa mais substancial, co-
isa mais profunda. É necessário com-
çar a organizar o sindicato profissional
com o fim de ter de ser na próxima
sociedade, dando-lhe as bases constructivas
bem ensaiadas ao lado da combativida-
de já experimentada, dizendo-se desde
já a cada sindicato que chegou o mo-
mento de começar a organizar a nova
sociedade em que cada um vai ter, fi-
nalmente, para que seja completo o de-
ver de viver, um consequente dever
de trabalhar.
Não há outro caminho. Por mais que
a burguesia queira, ela nada fará que
possa mudar a face actual das coisas
para tornar a vida menos má. Isso só
se fará mudando de sistema e ela não
pode mudar o sistema como é preciso.
Ela não confessa a sua impotência, mas
deixa que nós a vejamos. Todas as re-
formas que tem tentado só falhas, não
dão nada. A lei... a própria lei já se
desmoralizou.
No sistema burguês, ela que parece
vir beneficiar o povo, só incide sobre
uma parte mínima, porque o interesse
de A está em contraposição ao de B e
por isso já não é lei o que lei parecia.
Nada pôs mudar para melhor o
que ali está. Nós estamos num beco sem
saída e só a nós compete procurar sair
delá, daquela maneira que nós vimos
afirmando há tantos anos, para uma
sociedade melhor. Fugindo a um futuro
cego, começemos desde já, dando aos
sindicatos a sua verdadeira função para
que eles amanhã chamados a cumprir a
sua missão, o façam o mais completa-
mente possível, que é essa a única ma-
neira de resolver o actual problema
económico, que só a transformação so-
cial solucionará agora em parte e mais
tarde no seu todo.
MAX.
Interesses de classe
Nos operários alfaiates
Encontram-se presentemente em lu-
ta os nossos camaradas do Porto, após
terem feito a sua unificação, pois exis-
tiam nessa cidade nada menos de duas
associações de operários alfaiates. Estes
factos demonstram bem que aqueles ca-
maradas, embora tarde, mas ainda a
tempo — souberam bem qual dos can-
diatos os levaria mais depressa à emani-
cipação que desejamos. Isto sucede no
Porto. Por cá as coisas não vão melhor
porquanto, depois que se obtiveram al-
gumas melhorias de situação económi-
ca, raios são os que comparecem, na
nossa associação, esquecendo-se de que
a base das nossas questões materiais é-
sta na defesa que temos de tomar, até
ao sacrifício, de todos as questões mo-
rais, e são elas tantas que, neste mo-
mento, se torna necessário defendê-las
para que se não diga que só a ganha-
nça nos move.
Hoje realiza-se a assembleia geral no
nosso sindicato, e é imprescindível que
compareçam todos os sócios, pois os
assuntos a tratar são da máxima impor-
tância, e ocorre-nos o dever de nos ma-
nifestarmos sobre o movimento dos al-
faiates do Porto, camaradas estes que
tem mantido connosco as melhores re-
lações, e, mesmo que assim não fosse,
impos-se o dever de não ficarmos mu-
dos, perante acontecimentos de tanta
importância.
Alberto MONTEIRO
(Operário alfaiate sindicalizado)
Saída airosa
A imoderada incompetência dos que
se arvoraram em lilipitianos estadistas
deste país, de uma assimilação notável,
leva, os que acompanham ardentemen-
te a evolução económica, a reclamar, em
acção congregada, os esforços disper-
sos contra as resultantes de tal desven-
tura.
A classe telegrafo-postal, indignada
pela indiferença dos poderes públicos,
na parte que se refere à sua manifesta-
ção legislativa, sempre oportuna e so-
lerte, enojada pelas falsas declarações,
antecedidas por carência de honestida-
de política, na parte que se refere à
sua manifestação executiva, procura
obviar a futuros conflitos, estabelecen-
do-se dentro da corporação um pára-
raio salutar.
A classe telegrafo-postal, desejável
escadote para qualquer governo, em
economia ou governação, aparente de
Pombal, de Richelieu ou de Pitt, vendo
que não há vergonha, não há mercedis-
mos, valôr, critério ou coerência na
permissão da nossa odiosa política oli-
garquica, apresentou há poucos dias,
a dois deputados da nação, notórios
pela constante situação de destaque,
um projecto de lei, cujo espírito con-
siste em entregar as actuais atribuições
do administrador geral dos correios e
telegraphos ao também actual conselho
de administração, que assim passaria a
denominar-se conselho administrativo.
Não sabemos se o trópico sul que nos
derrete, derrete também dentro dos
lanceolais já deplados dos dois, possi-

BREVEMENTE

Anúncios gratuitos

Anúncios económicos

a 1 centavo a palavra

de COMPRAS e VENDAS

de géneros alimentícios,

vestuário, mobiliário, etc.

Fica a cargo do anunciante o sólo

de 2 cts. por anúncio.

Acceptam-se, desde já, na administra-

ção de «A BATALHA», Calçada do

Combro, 38 A, 2.º, anúncios gratuitos

e económicos.

A BATALHA

NA PROVINCIA

NOS ARREDORES

CARTAXO, 3

Pão caro e péssimo

Nesta apressada vila, bem digna de melhor

se, e pesam a insupportável massa de

pão que se consome e ainda por preço su-

perior ao da tabela.

Argumentam todos, e certo, mas aqueles

que só tem para vender o seu trabalho

não podem facilmente defender-se do uso e

abuso dos que tudo vendem e tudo compram.

Não se compreende que o trigo esteja su-

jeito a uma subida que esta região o

preço do pão em Lisboa a 28 e no Cartaxo

a 30 e o quilo e de pior qualidade. Isto não

pode ser. A moagem e a panificação locais

são de má qualidade e os preços das in-

dústrias similares da capital; portanto, dá-

se um desrespeito pela lei que a autoridade

cumpre por cobro.

É preciso que a autoridade administrativa

não confie na máscara de virtude que a

moagem traz atrelada. Ela encobre senti-

mentos de ganância sem limites e o facto

já demonstrado e mal castigado da má

de torturas com trigo, mostra o nenhum

escrupulo destes milicianos e justifica o

que de tais misturas se faz farinha, até de

trigo de trigo. É preciso que o senhor

administrador justifique o pensamento de se

deixar uma estatua recordatória dos seus

A BATALHA no PORTO

Uma reunião de proprietários — Para man-

ter a corrente caudalosa dos seus egois-

mos, tentam diminuir os salários dos ope-

rários, embora disfarçadamente

PORTO, 5.—Pela construção civil, se-

gundo se anuncia, vamos ter dança. Os

proprietários, na benevolência ponderosa

da vida cara e dum próxima crise nas

quatro artes da construção civil, devi-

do ao preço dos materiais, pensam em

reduzir os salários dos operários. Tiveram

uma reunião, e nela os humanita-

rios detentores de casas construídas

pelo esforço alheio, referiram-se largamente

à impossibilidade da construção

de novos edifícios e mesmo à conclusão

dos que se estão erguendo, aos prejuí-

ços que estes factores causam à popu-

lação cittadina, que, lutando já com

falta de habitações, no futuro mais es-

sa falta se fará sentir. Mas, sobretudo,

onde frisarão a nota foi nos casos da

crise de trabalho, que muito pensam

em evitar, e da falta dum justa com-

pensação que os rendimentos dos alu-

guezes oferecem aos nababicos proprie-

tários. Por consequência, procuraram,

cientificamente, uma solução ao arri-

piante problema, a fim de opôr um di-

que a esta caudalosa corrente de ambi-

ções mal contidas que tudo ameaça de-

ruir e subverter. Toda a gente supõe

que a solução se baseasse numa intensa

campanha contra a subida dos preços

dos géneros de primeira necessidade e

da elevação das rendas de casas, prin-

cipalmente das já construídas há mu-

ltos anos e a desmoralizarem-se, causa

própria que origina os operários a re-

clamarem aumento de salário. Pois não

senhor, não se cuidou disso, por não

pertencer à corrente caudalosa de am-

bições. Num momento em que o

azeite galego para 1500 e 1520 o litro,

— não o há — em que o arroz está a

atingir 1550 o quilo, — é preciso pedi-

por em esmola, — em que as batatas se

pagam, em muitas partes, a 30 e 40,

em que o pão, à sacupa, vai encare-

cendo, apesar de potela, etc. e tal... os

filantrópicos proprietários encorajam

uma solução numa disfarçada redu-

ção de salários. Assim, consonte uma

moção aprovada pelos supraditos cava-

lheiros, resolveram pagar, para futuro,

o salário médio de 2500 e 3500 por

dia; aos estucadores e pintores, me-

nos 505 a 535, dentro da média anterior,

por não terem tido o mesmo custo de

ferreiras, como encorajados, a média de

3520 a 3550, conforme o merecimento;

aos operários especializados e que se mos-

trarem prelos, perdão com boa vontade

de produzir bestialmente e bem, ópti-

mo, artisticamente non plus ultra, equi-

parar-lhes os salários aos mestres, para

assim haver estância...

Aos aprendizes sucede outro tanto.

Resolveram, entre si, assinadas estas

bases, não satisfazer novas exigências.

Se os operários apelaarem para a greve

geral, os proprietários encorajam to-

das obras por tempo indeterminado;

se for parcial, nenhum dos proprietá-

rios consentirá nas suas obras qualquer

operário da obra em greve.

Compreendem o vanguardismo? Eu creio

que os operários o compreenderão e,

neste sentido, operem.

Veremos.

Clamando justiça

Uma grande desumanidade

Quando há dias passava junto do hos-

pital de Rilhafoles a companhia de he-

nosso camarada, um indivíduo que lhe

acenaava duma das janelas, atirou-lhe

um pequeno embrulho, que continha

uma carta, onde, muito ligeiramente,

se descreve a odessa dum desgraçado

trabalhador do campo, que ali se en-

contra há cerca de 12 anos, quando tem

direito à liberdade desde 1910.

Por essa carta, que abaixo publicá-

mos, se vê o que tem sido a vida des-

criatura, que jaz esquecida naquele es-

talecimento, e para a qual chamamos

a atenção de quem deve olhar para es-

tas injustiças.

Quanto desgraçados não se encon-

tram em idênticas circunstâncias, por

esse país fora, sem haver ninguém que

por eles se interesse?

Quantas vítimas, sepultadas vivas,

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Valério, Lopes & C.ª L.ª

Telefones (central) 2778 e 3478
gramas FerrameFerramental completo para todos os ofícios
Ferragens de todas as qualidades, chapas de ferro,
latão, zinco, chumbo e avaras diversos.
Carros, vagões e todos os pertences de material
"Decauville"22, largo de S. Julião, 28
Rua Nova do Almada, 1, 3 e 5
LISBOA

Africa ocidental

Vapor «Mossamedes»

Sairá no dia 15 de Junho para
os portos do costume tocando em
B. Velha.

Africa oriental

Vapor «Africa»

Sairá brevemente para Loanda,
portos do Congo com baldeação
em Loanda, Lobito, Mossamedes,
Cabo, Lourenço Marques, Beira e
Moçambique; e para Inhambane,
B. Dias, Chinde, Quelimano, An-
goche, Porto Amélia, Ibo e Tun-
gue com transbordo.Para carga e quaisquer escla-
recimentos dirigir-se aos escritó-
rios da

Companhia Nacional de Navegação

Em Lisboa, Rua do Comércio, 85.
No Porto, Rua da Nova Alfân-
doga, 34.

A CATEDRAL

Romance de arte social, original
do camarada

Manuel Ribeiro

300 pags. — \$50

A venda na administração de
A BATALHA

O BRIC-Á-BRAC DE ALCANTARA

DE JOSÉ NICOLAU VERÍSSIMO

Rua de Alcântara, 37

SUCURSAL—Rua do Livramento, 111 e 113

Compra, vende e troca móveis novos e usados e toda a qualidade de
artigos de mobílias completas de quarto, casa de jantar, escritório e sala.
Sucatas, trapos, papel e lã. 50% de desconto aos assinantes de
A Batalha.

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Viuva de Manuel
da Costa Marques
& C.ª LimitadaRua do Ouro, 36
Telefone 2.676-C.COMPANHIA SORTIDO
DE ARTIGOS PARA ES-
CRITÓRIOA Transformação
da Sociedadepela acção do
Socialismo Revolucionário
por José dos Santos
Folheto de propaganda onde o au-
tor demonstra o valor do socialis-
mo na transformação da Sociedade.
Ao preço de \$15
A venda na administração de A
Batalha.

JANOTAS???

Sejam económicos!!!

Como vestir bem e barato??

Só na ALFAIATARIA JANOTA.
Onde se viram fatos e sobretudos ficando
como novos, baratos e no rigor da moda.
Especialidade em obra de auto, variado
sortido de fazendas a preços resumidos.
Aceitam-se fatos a fazer.
Rua do Sol ao Rato, 215, loja e 3.ª
andar, esquina S. João dos Remediados.
(Elétrico a porta, carro da Es-
trêla)—Postal a S. Mafalda. (135)

NOTAS & COMENTÁRIOS

por PERFEITO DE CARVALHO

Recebem-se pedidos na administração
da Batalha.Companhia de Papel
de Gois

Ponte de Sotam-Gois

FABRICA toda a qualidade de papeis de em-
brulho, sacos, cartuchinhos, manteiguelho,
costaneiras, almagos, coquiles, escrita, impres-
são, assetinados, capas e carta, bem como
papeis de fabricação especial

Lisos e pautados

Agente e depositário geral

A. B. dos REIS

52, Cais do Sodré, Lisboa—Telefone C. 4.317

10, Rua da Nova Alfandega, Porto—Tel. 2.192

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros

Grande sortimento em chapéus, lisos
e mistos em cores lindíssimas,
formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole,
novo modelo americano,
muito elegante,
só na Cooperativa
A SOCIALESPECIALIDADE
EM CHAPEUS
DE SEDA
E
FLAMAU

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

O verdadeiro moinho

"AERMOTOR"

Novo modelo ame-
ricano, com engren-
agem e tirantes duplos
lubrificados, automa-
ticamente com óleo
Este moinho extra-
que a qualquer mo-
lindade bem como
um elevador, podem
também ser adaptados
para moagem e para
força motriz.
Pedir nosso cata-
logo para esclareci-
mentos.
Executam-se traba-
los de serralaria ci-
vil e mecânica, bombas
e encanamentos sejam
estes quais forem.Orçamentos
gratísJUSTO, SÁBROS
& THIMOTEO, L.ªTr. do Rosário, 10-A
(A Praça da Alegria)Trabalhadores
lede e propagai

Acidentes de trabalho

Seguro obrigatório

O Diário do Governo de 22 de
Novembro de 1919 publica o mo-
delo da caderneta profissional, que
todos os patrões são obrigados a
fornecer a todo o seu pessoal,
em conformidade com a nova lei
de 10 de Maio de 1919.A MUNDIAL, a fim de facilitar
aos seus segurados o cumprimento
da nova lei, fornece gratuitamente
as referidas cadernetas.
Pedidos das cadernetas bem co-
mo dos exemplares da nova lei a

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

CAPITAL: 500.000\$000

RESERVAS: 405.402\$76,7

Sede em Lisboa—Rua Garrett, 95

Telefone 4084

Delegação no Porto—Rua Sá da
Bandeira, 331, 1.º

CLINICA DENTÁRIA

BARROS MARINHAS

Extrações dentes por anestesia espe-
cial. Colocação dentes fixos e com placa.25—Rua da Assunção—25
(Esquina da R. da Prata)

Fundição Tipografica

"A Funtipo,"

P. Gini—Director Técnico

Instalações rápidas para jor-
nais e tipografias de luxo

Escritório e Depósito

R. Nova da Piedade, 60, 2.º-DI.º

22 Telefone C. — 4329

Borges do Régio

RUA IVENS, 11

LISBOA

Vende azeite EXTRA para
fabrigo de conservas

Folha f. c. b. r., estanho L.



Na me ralo!

Vou ali à CHAPELARIA LUZI-
TANA, e por um preço baratissi-
mo, compro um chapéu bom, boni-
to, bem acabado e de uma solidez capaz
de resistir a todos os vãos.

CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês de Alegrete, 45-51

A' Rapaziada!!!

As valentes e péras!

Botas pretas, para homem, a 15\$75,
15\$25 e 10\$75.Botas brancas, As Valentes, a
15\$75.Botas pretas, duas solas, a
10\$75.Sapatilhas, para senhora, a 11\$50,
14\$50, 15\$00 e 10\$00.Grande variedade de calçado para
criança, e de luxo para senhora.Para a frente é que é!!!
Venham ver os nossos preços!Fornecedores dos empregados dos
Caminhos de Ferro Portugueses e
do Sul e Sueste e da Cooperativa
dos empregados do Diário de No-
tícias.

SAPATARIA S. ROQUE

16, Largo Trindade Coelho, 17
(Antigo Largo S. Roque) 27NICOLAU GOMES
CORREA

Alfaiate-Mercador

Fornecido r
dos Empregados
dos Caminhos
de Ferro Portu-
gueses, do Sul
e Sueste, da
Cooperativa dos
Operários da Ca-
minha Municipal
de Lisboa e da Co-
operativa da Fa-
brica de Mate-
ria de Guerra.
Variado sortido
de lãminas para
homens e senho-
ras, padões da
moda, preços
limitados.

ALFAIATARIA

Especialidade
em fatos, sobretu-
dos, sapatos, e
alentejano e
casacos de senhora já confecciona-
dos, tudo pelos figurinos da moda.

255-Rua dos Panfaleiros-255

Só milagre!!!

OURO!!!

Mais barato e não
— se paga feito —

OURO

Compre na conhecida e acreditada
casa Paiva & Fraga.Ha sempre grande sortido de cordões,
correntes, anéis, alfinetes e mais obje-
tos em 2.ª mão renovados com pontos
feitos.

4 a 12, R. da Palma, 4 a 12

Junto à Casa das Galoas

TELEFONE 3676

Electricidade

Instalações eléctricas de luz,
campanhas, força motriz, pára-
raios, telefones, elevadores, gaz
e água.

(134)

Orçamentos grátis

62-A, Rua D. Estefânia, 62-B

Carlos Costa

Obras de educação profissional, de sciencia, filosofia, sociologia e higiene.

Brochuras e folhetos de propaganda sindicalista.

Romances sociais, teatro livre, retratos, postais, hinos, canções revolucionárias, etc.

Serviço de livreria de A BATALHA

Os lucros realizados pelo
nosso serviço de livreria são
exclusivamente aplicados à pro-
paganda. Auxilia-se A BATA-
LHA, adquirindo, por interme-
dio da nossa administração,
os livros e mais publicações
de que se necessite.Organizam-se e fornecem-se
projectos e orçamentos de bi-
bliotecas populares, cooperati-
vistas, sindicais, etc.A administração de A Batalha, desajando
contribuir para o cultivo dos trabalha-
dores, propõe-se facultar-lhes os meios
de se instruírem encarregando-se de for-
necer todos os livros que lhe sejam pedi-
dos e iniciando em breve a sua secção
editorial.A leitura é um dos meios de educação
do operário e quanto maior for a capaci-
dade de leitura entre as classes trabalha-
doras, mais próximo estaremos de conse-
guir a emancipação que todos anelamos.Por breccaria que seja a sua situação
económica, todo o trabalhador pode ins-
truir-se desde que dedique a aquisição de
livros e folhetos educativos, aqueles cen-
tenas que mal gasta no tabaco, na taberna
no café, e em divertimento que o eno-
decem e brutificam.A reflexão dos nossos camaradas e
amigos submetidos a circunstâncias de es-
ta secção de livreria redimem em benefi-
cio de A Batalha, pois o desconto que as
casas editoras fazem para a recenda, re-
verte a favor da nossa administração que
empregará todos os esforços para atender
pontualmente todos os pedidos que lhe fa-
çam de livros e folhetos.A mediação que as circunstâncias permi-
tam, publicaremos a relação daquelas
obras que, em nossa opinião, possam dar
a orientação que deve seguir o proletaria-
do que deseja emancipar-se da explora-
ção capitalista.Não esqueçamos que os poucos deixados
de ser explorados e tiranizados quanto
deixarem de ser ignorantes.As casas e gráficas editoras, a adminis-
tração proíbe que se encarregue da venda,
a consignação, de todos os livros e folhe-
tos que editem e cuja leitura possa ser ne-
cessária por A Batalha.

Sociologia

Adolfo Lima—O contrato de traba-
lho..... \$20
Antonio—A Rússia Bolchevista..... \$20
Albert—O amor livre..... \$20
A. O. Santos—A Questão Operária e
o Socialismo..... \$20
Briand—A Greve Giral..... \$20
Buchner—Na aurora do Seculo XX..... \$20
Campos Lima—O movimento operário
em Portugal..... \$20
Dufour—O socialismo e a próxima
revolução (2 vol.)..... \$20
Delaisi—Os financeiros, os politicos e
a guerra..... \$20
Etienvat—A minha defesa..... \$20
Emile Pouget—A confederação ge-
ral do trabalho..... \$20
Emilio Costa—Acção directa e acção
legal..... \$20
Fraser—A Rússia Vermelha..... \$20
Fabra Ribas—O Socialismo e o con-
flito europeu..... \$20Grave:
A anarquia—Fins e meios..... \$20
A sociedade futura..... \$20
O individuo e a sociedade..... \$20
Griffuelhes—A Acção Socialista..... \$20
Guedes—Aos insurreccionados..... \$20
Guyan—Ensaio de uma moral..... \$20H. Salgado:
A sciencia e a religião..... \$20
Mentiras religiosas..... \$20Hamont:
A conferência da Paz e a sua
obra..... \$20
As lições da guerra mundial..... \$20
Psicologia de militar profissional..... \$20
Psicologia do socialista-anarquista..... \$20
Socialismo e Anarquismo..... \$20Krapotkine:
A conquista do pão..... \$20
A grande revolução (2 vol.)..... \$20
Ea volta duma vida..... \$20Moral anarquista..... \$10
Os bastidores da guerra..... \$20
Lagarde—Socialismo e Socialis-
mo..... \$20
Landauer—A Social Democracia na
Alemanha..... \$20
Leone—O socialismo..... \$20Malatesta:
A politica parlamentar no movimen-
to socialista..... \$20
Em tempo de eleições..... \$20
O Programa Socialista anarquista
revolucionário..... \$20
Marx—O capital..... \$20
Molnar—Problemas sociais..... \$20
M. Pierrot—Socialismo e Revolu-
ção..... \$20
Nietzsche:
"Anti-Christo"..... \$20
Como falava Zaratustra..... \$20
Genealogia da moral..... \$20
Naguet—A caminho da União livre..... \$20Prat:
Necessidade da associação..... \$20
Sindicalismo e greve geral..... \$20
Raland—A Rússia Nova..... \$20
Ratés—A Diadema do Proletariado..... \$20
Rossi—A sugestão e as multidões..... \$20
Russomano—A escravidão da mulher
Santos—A Transformação da Socie-
dade..... \$20Tolstoi:
A escravidão moderna..... \$20
O canto do cisne..... \$20
Ultimas palavras..... \$20
Vanderelde—O Colectivismo e a Evo-
lucão Industrial..... \$20
Varennes—O Terrorismo em França..... \$20A Sementeira
Os 4 anos da 2.ª série (1916 a 1919)
636 páginas..... \$20FOTOGRAVIURAS (em papel cou-
che), de Bakunine, Berthelot, Sa-
derman, cadé, Trotsky (2)..... \$20Postais de Lénine e Trotsky (2)..... \$20
1.º de Maio; Capital e o Trabalho da
O Z (numero comemorativo do 1.º de
Maio de 1919)..... \$20A leitura é um dos maiores praze-
res que ao Homem é permitido go-
zar. Revolta o pensar que há quem
o não possa saborear porque não
sabe ler; indigna o saber que há
quem o não goze porque não quer.

Literatura

Alfredo N. Dias—Razão (poemeto
social)..... \$20
E. Silva—Teatro livre e Arte social..... \$20Gorki:
Os degenerados..... \$20
Os vagabundos..... \$20Ibsen:
Espectros (drama)..... \$20Manuel Ribeiro:
A Catedral..... \$20
Imperiosa verdade..... \$20
O sentido de viver (versão)..... \$20Mirbeau:
O Jardim dos Suplicios..... \$20
Memórias duma criada de quarto..... \$20Tolstoi:
Marquezinho—champsaur..... \$20
Sonata de Koentzer..... \$20Vitor Hugo:
França e Bélgica (3 v.)..... \$20
Han d'Islandia (2 vol.)..... \$20
Noventa e três (3 vol.)..... \$20
O homem que ri (3 vol.)..... \$20
O Reno (3 v.)..... \$20
O ultimo dia dum condenado..... \$20
Os homens do mar (2 vol.)..... \$20Zola:
Alegria de viver (2 vol.)..... \$20
A conquista de Plassans (2 vol.)..... \$20
A fortuna dos Rougons (2 vol.)..... \$20
A obra (2 v.)..... \$20
A taberna (3 v.)..... \$20
A terra (3 v.)..... \$20Paraíso das Damas (2 vol.)..... \$20
Tereza Ragum..... \$20
Uma página de amor (2 vol.)..... \$20

Ciência e Filosofia

Alfred Binet—A alma e o corpo..... \$20
A. Bonario—A vida e a morte..... \$20
Gennetti—Arte de estudar..... \$20
Bneyssol—A vida social..... \$20
Benazzi—Criação e vida..... \$20
Golsen—Organismo económico e de-
sordem social..... \$20
Denoy—Descendemos do macaco?..... \$20E. Faguet:
Arte de ler..... \$20
Mecânica da vida..... \$20
A mulher e a civilização..... \$20
Iniciação Filosófica..... \$20
Horror das responsabilidades..... \$20Flamarion:
Iniciação astronómica..... \$20
Astronomia popular..... \$20
A vida nos astros..... \$20
Curiosidades astronómicas..... \$20F. Dantec:
A sciencia e a vida..... \$20
Mecânica da vida..... \$20
Jean Gruet—A vida do Direit..... \$20
Le Bon—Evolução geral da vida..... \$20
Stranoe—A velha e a nova lei..... \$20Eduquemo-nos e instruo-nos an-
tes de pretendemos educar e en-
sinar os outros.

Ensino Profissional

Álgebra..... \$20
Algebra elementar..... \$20
Dicionário dos termos de arquitectura..... \$20
Lino de Assunção..... \$20
Desenho linear..... \$20
Desenho linear geométrico..... \$20
Escrituração commercial industrial..... \$20Elementos de:
Química..... \$20
Electricidade..... \$20
Mecânica..... \$20
Modelação de ornato e figura..... \$20
Física..... \$20
Projeções..... \$20Física..... \$20
Mecânica..... \$20
Química..... \$20Quanto mais sabemos, mais nos
convencemos de que muito ainda nos
falta saber. Daí a necessidade de
prosseguir estudando, continuamente.

Mecânica

Elementos de mecânica..... \$20
Iniciação de mecânica..... \$20
Material agrícola..... \$20
Nomenclatura de caldeiras e de má-
quinas a vapor..... \$20

Construção Civil

Acabamentos de construções..... \$20
Alvenaria e cantaria..... \$20
Edificações..... \$20
Encanamentos e salubridade das habi-
tações..... \$20
Materiais de construção..... \$20
Terraplanagens e alceiros..... \$20
Trabalhos de serralharia civil..... \$20
Trabalhos de carpintaria civil..... \$20

Manuais de officio

Automobilista..... \$20
Conductor de máquinas..... \$20
Fabricantes de tecidos..... \$20
Ferreiro..... \$20
Fogueteiro..... \$20
Formador e estudador..... \$20
Fundidor..... \$20
Galvanoplastia..... \$20
Navegação..... \$20Além das obras inclusas
nesta relação, satisfazem-se
todas as encomendas de livros
que venham acompanhadas da
importancia correspondente,
acrescida de 10 por cento do
valor da obra e de mais \$98
para porte de correio e regis-
tro.Todos os pedidos de livros
devem ser endereçados ao

Serviço de livreria de

A BATALHA

Calçada do Combro, 38-A, 2.º

LISBOA — PORTUGAL

O confeiteiro pratico..... \$20
Pilagem..... \$20
Sapateiro..... \$20
Serralheiro mecânico..... \$20
Torneiro mecânico..... \$20
Tipógrafo..... \$20Conhecimentos gerais de diversas
indústriasIndústria alimentar..... \$20
Industria cerâmica..... \$20
Vinhos, Vinhos e produtos..... \$20

Educação e ensino

Arte de estudar..... \$20
Arte de ler..... \$20
A pedagogia, o Estado e a família..... \$20
Como se deve educar o espirito..... \$20
Educação e ensino (Adolfo Lima)..... \$20
Escola moderna..... \$20
Iniciação literária..... \$20
Iniciação de botânica..... \$20
Iniciação zoológica..... \$20
Iniciação de matemática..... \$20
História Universal (2 vol.) Clemence
Jaquet..... \$20
Psico-Fisiologia..... \$20
Reinach—História das religiões..... \$20O maior inimigo que se opõe à
nossa felicidade encontra-se em nós
próprios. É a nossa ignorância. Como
mo aniquila-lo? Lendo, lendo muito,
endo sempre e reflectindo no que
se lê.